

NÃO HÁ RAZÃO PARA ALARME

20/7/81 — Governador Armando Panguene

PEMBA (por Albano Naroromele) — “Neste momento não há razão para alarme no sector estatal” — disse em Montepuez o Governador Armando Panguene, numa reunião com a direcção e directores de unidades de produção da Empresa Provincial do Algodão de Cabo Delgado.

Segundo Armando Panguene, a meta está “à vista”, mas só pode ser alcançada com a colheita de todo o algodão das cápsulas e a recuperação do que caiu e continua a cair.

Naquele encontro, o Director da Empresa Provincial do Algodão de Cabo Delgado informou que o sector estatal tinha colhido, até ao final da primeira semana de Julho corrente, mais de 4000 das 6000 toneladas de algodão-carço que constituem a meta total estabelecida pelo PEC/81.

Do total colhido, segundo o mesmo responsável, cerca de 3000 toneladas foram escoadas para a Fábrica de Descaroçamento de Algodão de Montepuez. A semente conseguida após a laboração de 533 toneladas de algodão-fibra começou já a ser escoada para a unidade fabril de óleos e sabões de Monapo, na Província de Nampula.

O Director da Empresa Provincial do Algodão manifestou, no entanto, a sua preocupação face à escassez de arame, material indispensável no processo de prensagem.

O arame que temos não chega para os próximos 10 dias, o que significa que a fábrica paralisará a sua actividade se, antes, não chegar outra remessa. Se isto acontecer, o algodão vai acumular-se e ocupar lugar nos armazéns — alertou.

Mas ainda persistem outros graves problemas de carácter local. O Governador Armando Panguene, que tem acompanhado passo a passo a evolução da situação, perguntou, na sequência de uma demorada visita às principais unidades de produção (Namara e Chipembe): **Quais foram os erros cometidos para se chegar à actual situação sem solução?**

eis alguns dos problemas de fundo que hoje se reflectem na incapacidade de mobilização e recrutamento de mão-de-obra suficiente para enfrentar a colheita do algodão que cai.

É importante realçar que esta situação, ainda confusa, gerou, desde o início, uma grave tendência para a justificação dos problemas obstruindo qualquer iniciativa para a busca de soluções que, na realidade, estão “ao alcance das mãos”.

Na reunião que orientou em Montepuez, o Governador de Cabo Delgado constatou que aquelas justificações reduziam, em parte, a importância do factor “homem”, situação revelada pelo facto de a empresa do algodão apenas manifestar preocupação aguda quando as anomalias já tivessem atingido situações difíceis de solucionar.

Nesta ordem de ideias, Armando Panguene criticou severamente a atitude passiva da direcção da empresa, segundo a qual **alguém tinha de trazer a mão-de-obra para as unidades e blocos de produção para evitar que o algodão caísse.**

Acrescente-se que este “jogo” Empresa-“outras estruturas” estava a tomar proporções ridículas quando há meses atrás foi nomeada uma Comissão do Governo Provincial, a qual, confundindo as suas tarefas (apoiar a empresa na busca de soluções), auto-identificou-se “salvador da campanha”, a ponto de estimular intenções de substituir a verdadeira direcção do sector.

Como noticiámos num outro trabalho, a referida Comissão foi extinta pelo Governador Armando Panguene.

MELHORAR AS CONDIÇÕES DOS TRABALHADORES SAZONAIS

Entretanto, começam a ser bons os resultados do trabalho de mobilização e recrutamento de mão-de-obra. Nos últimos dias, por exemplo, a participação média diária oscila entre 1000 e 1500 pessoas.

Afirma-se que, com estes números, já foi possível recuperar grande parte do algodão caído no início da colheita, não obstante as diferentes ponsáveis da empresa. Mas alguns a estes quantitativos: **o algodão apanhado no chão consêrva a sua qualidade de primeira** — dizem os responsáveis da empresa. Mas alguns técnicos afirmam que **esse algodão é todo de segunda.**

cantinas da empresa, mau alojamento e dificuldades de alimentação para os trabalhadores que, por ficarem longe das suas casas, vivem nas unidades.

Ainda não comi desde as cinco horas, porque tenho de apanhar mais algodão. Não posso interromper o trabalho, para não ficar cansado — disse em Namara, cerca das 17 horas, um trabalhador sazonal, quando aguardava na bicha a sua vez de pesar o respectivo saco.

As afirmações deste apanhador revelam claramente que o camponês em Cabo Delgado está a dar o máximo do seu esforço, facto que refuta todas as alegações referentes à sua fraca participação.

É, por isso, possível evitar que sejam apenas alunos a colher o algodão, como vem acontecendo ultimamente (90 por cento são estudantes), pois estes abandonam o trabalho logo que reúnem a importância correspondente ao valor do material escolar que lhes falta.

De referir que as Forças Armadas estacionadas em Montepuez têm vindo a dar, voluntariamente, a sua contribuição, todos os fins-de-semana, conscientes de que, embora a queda do algodão neste momento não constitua uma situação alarmante, é, no entanto, uma inegável realidade.

MÃO-DE-OBRA INSUFICIENTE

Diversos artigos publicados neste matutino e noutros órgãos de Informação nacional já deram a conhecer ao leitor todo um conjunto de pormenores que caracterizam, afectando-o negativamente, o processo de colheita de algodão na Província de Cabo Delgado.

O inicial alheamento das diversas estruturas do Partido e Estado em relação aos problemas do algodão, a persistente desorganização da empresa ligada ao sector, aliados à incompetência da maioria dos elementos que compõem a direcção, cujo poder foi diluído, o fraco espírito de planificação e perspectiva —